
Garotas perigosas nas lentes midiáticas: uma análise da espetacularização da juventude na série Yellowjackets e na cobertura jornalística dos casos de envenenamento no Brasil¹

Laura Coutinho Felz²
Centro Universitário Academia
Iluska Maria da Silva Coutinho³
Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF

Resumo

Investiga-se a construção simbólica da figura da “garota perigosa” na mídia contemporânea, a partir de uma análise comparativa entre a série Yellowjackets (Showtime, 2021–) e a cobertura jornalística do caso de envenenamento em Itapequerica da Serra (SP) exibida pelo programa Fantástico (Rede Globo, 2025). A pesquisa tem como base conceitos de sociedade do espetáculo (Debord, 1997), violência simbólica (Bourdieu, 1996), performatividade de gênero (Butler) e materialidade audiovisual (Coutinho, 2018). Os resultados revelam que ficção e jornalismo mobilizam estratégias que espetacularizam a juventude feminina em situação de violência e reforçam estigmas de gênero. Aponta-se urgência de práticas midiáticas mais éticas, capazes de desafiar enquadramentos normativos na representação da juventude feminina.

Palavra-chave: jornalismo; espetacularização; gênero; audiovisual; violência.

1 Introdução

Nas últimas décadas, o arquétipo da “garota perigosa” consolidou-se como elemento recorrente no imaginário midiático, aparecendo de maneira constante em narrativas ficcionais e coberturas jornalísticas⁴. O fascínio por personagens femininas construídas como transgressoras e violentas atravessa gêneros como horror e true crime, mas também mídias jornalísticas, refletindo tensões sociais e culturais em torno da feminilidade, juventude e moralidade. Tais narrativas não apenas informam ou entretêm, mas também podem reforçar estereótipos de gênero, contribuindo para a construção simbólica da juventude feminina em situação de conflito com normas sociais.

A série Yellowjackets (Showtime, 2021 –) exemplifica essa tendência dramática ao representar um grupo de adolescentes, jogadoras de um time de futebol escolar, sobreviventes de um acidente aéreo e cujas experiências de trauma, sobrevivência e violência desafiam as representações tradicionais da feminilidade. A construção da série, que se divide em duas linhas temporais (passado e presente), e a ambiguidade moral das personagens tensionam a percepção do espectador, convidando-o a refletir sobre culpa, estigmatização e gênero.

Em paralelo, a cobertura jornalística tomada como objeto empírico desse estudo e que aborda o caso recente de envenenamento em Itapequerica da Serra, com vítimas e autoras

¹ Trabalho apresentado na IJ01 – Jornalismo, da Intercom Júnior

² Estudante de Graduação, 2º Período, do Curso de Jornalismo do Centro Universitário Academia, e-mail: lauracfelz@gmail.com

³ Professora doutora do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF, e-mail: iluska.coutinho@ufjf.br

⁴ JESUS, Rosilene Soares de; FARIAS, Rita de Cássia Pereira. Espetacularização da violência em um telejornal e construções conservadoras de gênero. Cadernos de Gênero e Tecnologia, v. 15, n. 45, p. 82–97, jan./jul. 2022.

adolescentes do sexo feminino, revela a forma como o discurso factual mobiliza estratégias moralizantes na representação da violência praticada por mulheres. A reportagem especial veiculada no Fantástico enfatiza a premeditação, frieza e anormalidade desses atos reforçam a visão de anomalia e monstrosidade atribuídos à juventude feminina violenta.

O presente artigo propõe-se analisar como diferentes produtos midiáticos constroem a imagem da “garota perigosa” por meio do estudo comparativo da representação da violência associada à mulher na série *Yellowjackets* e na cobertura jornalística de um caso de envenenamento no Brasil. O trabalho adota como referenciais teóricos os conceitos de sociedade do espetáculo (Debord, 1967), violência simbólica e campo midiático (Bourdieu, 1996), performatividade de gênero (Butler, 1990), e materialidade audiovisual (Coutinho), além de aportes contemporâneos dos estudos de mídia e gênero (Gill, 2007; Banet-Weiser, 2018).

Utiliza-se pesquisa bibliográfica, documental e a análise da materialidade audiovisual (Coutinho, 2018), com atenção para elementos como enquadramento, ritmo de montagem, som e construção estética, que contribuem para a produção de sentidos e para o impacto afetivo dessas narrativas. Pretende-se, assim, refletir sobre os impactos simbólicos e éticos dessas representações e sobre os potenciais caminhos para abordagens mais críticas e responsáveis na construção midiática da juventude feminina em situação de violência.

2 Violência e mulher em telas

A construção sociocultural do arquétipo da “garota perigosa” na mídia contemporânea não deve ser compreendida fora de um contexto mais amplo, em diálogo com a lógica do espetáculo, dinâmicas de gênero e com as formas de violência simbólica que atravessam discursos sobre juventude e violência.

Na perspectiva de Guy Debord (1967), o espetáculo é uma forma de organização social em que a vida se torna mediada/controlada por imagens. Mais do que mero entretenimento, o espetáculo funciona como estrutura que naturaliza modos de julgar, ver e sentir o mundo, tornando acontecimentos em mercadorias culturais. A compreensão desse processo é central na maneira como mídias contemporâneas, ficcionais e/ou jornalísticas constroem a figura da “garota perigosa”, transformando-a em objeto de fascínio e consumo.

Ao mesmo tempo, é necessário observar e entender essa construção sob a perspectiva das representações de gênero. Judith Butler (1990) apresenta o gênero não como essência, mas como construção performativa: um conjunto de atos reiterados que produzem a aparência de naturalidade. Dessa forma, meninas e mulheres que transgridem as normas de gênero são frequentemente percebidas como ameaças à ordem simbólica, e são estigmatizadas e moralizadas. Esse olhar é

particularmente evidente quando o foco ilumina a presença nas telas de relatos sobre meninas em situações de violência, cujas imagens midiáticas tendem a enfatizar a perversidade e desvio.

Rosalind Gill (2007) e Sarah Banet-Weiser (2018) aprofundam a compreensão de tal perspectiva ao mostrar como a mídia contemporânea opera tensão constante entre discursos de empoderamento e misoginia. Mesmo quando apresenta personagens fortes ou transgressoras, a cultura midiática reitera estereótipos que associam a ação de mulheres à sexualização, crueldade ou culpabilização. No caso da juventude feminina violenta, tais descrições tendem a erotizar a transgressão e reforçar a moralização sobre gênero e comportamento.

Esse processo é ainda condicionado por dinâmicas do campo midiático. Segundo Bourdieu (1996), o jornalismo opera em meio estruturado por forças sociais e econômicas, e tende a reproduzir categorias dominantes e visões estigmatizantes. Por meio da violência simbólica, discursos midiáticos podem naturalizar preconceitos, apresentando-os como verdades absolutas. Assim, ao cobrir casos de violência juvenil cometida por meninas, o jornalismo muitas vezes reforça estereótipos, alimentando o pânico moral e a criminalização de comportamentos que fogem às normas de gênero.

Para refletir sobre essas construções simbólicas, é necessário considerar não apenas o conteúdo verbal das produções midiáticas, mas também seus aspectos formais. A análise da materialidade audiovisual, como propõe Coutinho (2018), envolve a observação integrada e sem decomposições de elementos que caracterizam a experiência do vídeo, tais como enquadramentos, sonoridades, escolhas estéticas e ritmo narrativo, que contribuem diretamente para a produção de sentido e para a experiência afetiva do espectador. Em *Yellowjackets*, por exemplo, o uso de câmera subjetiva, trilha sonora inquietante e montagem fragmentada colabora para a criação de uma atmosfera de paranoia, ao mesmo tempo em que erotiza e ameaça o corpo feminino juvenil.

Tais aportes teóricos permitem compreender de que modo ficção e jornalismo ainda que mobilizem diferentes recursos na construção da figura da “garota perigosa”, podem produzir efeitos simbólicos que impactam a maneira como a juventude feminina, é percebida socialmente, principalmente se houver violência nos registros em telas.

Foram selecionados como objetos para análise, episódios da série *Yellowjackets*, considerando aqueles em que as tensões entre gênero, violência e juventude são explorados mais explicitamente. A série de 3 temporadas é uma produção da Showtime do ano de 2021 e está disponível para acesso na Netflix ou Paramount. As materialidades audiovisuais selecionadas como recorte para a análise empírica apresentada a seguir são as seguintes: Episódio 1 da primeira temporada (Pilot), episódio 5 da primeira temporada (Blood Hive), episódio 9 da primeira temporada (Doomcoming) e os seguintes episódios da segunda temporada, episódio 1 (Friends, Romans, Countrymen) e episódio 6 (Qui). A seleção buscou contemplar momentos distintos nas

duas linhas temporais, permitindo uma visão ampla das duas linhas temporais, permitindo visão ampla das estratégias narrativas utilizadas.

No campo jornalístico, foram selecionadas duas reportagens exibidas no Jornal Nacional e Fantástico entre fevereiro e junho de 2025. As matérias cobriram casos recentes de envenenamento em que as autoras e vítimas eram mulheres, oferecendo material rico para observar e analisar a emergência de discursos midiáticos sobre a violência feminina.

3 Sobre contexto e paratextos: conhecendo os materiais em análise

Para a AMA - Análise da Materialidade Audiovisual (Coutinho, 2018), é importante conhecer aspectos de contexto do produto analisado, o que corresponderia ao paratexto dos vídeos em estudo. No caso de Yellowjackets essa moldura é a da estética do horror, a partir da qual se destaca o arquétipo da “garota perigosa”.

A série Yellowjackets (Showtime, 2021 –) constrói narrativa que dialoga diretamente com os arquétipos midiáticos associados à figura da “garota perigosa”. Ao misturar elementos de horror psicológico, suspense e drama, a série acompanha um grupo de adolescentes, jogadoras de futebol de uma escola, que ficam presas em uma floresta por 19 meses após sobreviverem a um acidente aéreo, enfrentando situações extremas de violência e trauma.

A estrutura narrativa alterna entre duas linhas temporais: o passado (anos 1990), quando o grupo lutava para sobreviver em um ambiente hostil e isolado, e o presente, em que as sobreviventes já adultas lidam com os segredos e fantasmas daquele período. A construção fragmentada, marcada por *flashbacks* e jogos de suspense, permite à série explorar a ambiguidade moral das personagens, tensionando os limites entre vítimas e algozes, inocência e transgressão.

A juventude feminina é um dos focos centrais da trama. A série não somente explora as ações das personagens frente às situações de violência e sobrevivência, mas também dramatiza os processos de fetichização, espetacularização e estigmatização que recaem sobre suas imagens. O horror visual, manifestado em cenas como a fuga pela floresta, os rituais de caça e as dinâmicas em grupo, é acompanhado por uma estética audiovisual que reforça a tensão e inquietação, contribuindo para uma leitura complexa das relações entre trauma, gênero e violência.

O material jornalístico que integra essa investigação comparada, é a cobertura de um crime que envolve violência juvenil e espetáculo midiático: o caso Itapecerica da Serra. Em junho de 2025, um caso de envenenamento ocorrido em Itapecerica da Serra (SP) ganhou repercussão nacional, chocando o país. Uma adolescente de 17 anos morreu após comer um bolo envenenado, que foi entregue à ela junto com um bilhete, supostamente enviados por um admirador secreto.

Segundo as autoridades e cobertura jornalística, o crime teria sido motivado por conflitos interpessoais e ciúmes.

O caso rapidamente começou a ser amplamente noticiado, mobilizando uma narrativa pautada pela moralização. A reportagem analisada, presente na edição do dia 08/06/2025 do Fantástico, enfatizou aspectos como a natureza pacífica, trabalhadora e inocente da vítima (Ana Luiza, de 17 anos), assim como a premeditação do ato, a frieza da autora e o caráter “incomum” da violência, destacando o fato de ter sido cometido por uma menina jovem e que aparentemente era próxima da vítima. Elementos audiovisuais, como imagens da vítima, áudios da garota e depoimentos de sua família, foram utilizados para construir uma atmosfera de choque e julgamento moral.

Dessa forma, entende-se que o jornalismo pode agir como impulsionador do arquétipo da “garota perigosa” no espaço factual. Ao dramatizar a violência juvenil feminina e associá-la a discursos de anomalia e perversidade, a mídia integra a mesma lógica de espetacularização e estigmatização que permeia a ficção. Tal convergência entre os campos reforça a importância de refletir criticamente sobre as formas de mediação e representação da juventude feminina em situações de violência.

4 As lentes e resultados de análise: metodologia e apresentação de resultados

Para compreender como a figura da “garota perigosa” é construída em diferentes esferas midiáticas, a pesquisa adota abordagem de pesquisa bibliográfica, documental e análise da materialidade audiovisual, refletindo acerca das estratégias estéticas e discursivas mobilizadas na ficção e no jornalismo. O foco está na articulação entre linguagem audiovisual, enquadramentos narrativos e performatividade de gênero, e em como esses elementos afetam a percepção social da juventude feminina violenta.

Os títulos dos episódios selecionados oferecem chaves de leitura para a compreensão das dinâmicas narrativas e simbólicas, funcionando como enunciados que condensam tensões temáticas centrais. “*Pilot*”, título convencional para o episódio inaugural de uma série, aqui também sugere o “voo” que precipita o desastre, literal e metaforicamente, anunciando o colapso de parâmetros normativos associados à juventude e à feminilidade. “*Blood Hive*” evoca a imagem de uma colmeia sangrenta, mobilizando a ideia de comunidade e de violência latente, que ressoa com os conflitos e alianças instáveis entre as personagens. Em “*Doomcoming*”, há um jogo linguístico com o termo homecoming, tradicional ritual colegial norte-americano, subvertido aqui em uma celebração macabra marcada por delírio, desejo e destruição. Já “*Friends, Romans, Countrymen*”, citação direta de Júlio César, de Shakespeare, remete à performance pública e manipulação discursiva, tematizando as disputas de poder que emergem na vida adulta das sobreviventes. Por fim, “*Qui*”,

título que faz referência à palavra latina para “quem”, abre espaço para indagações sobre identidade, alteridade e memória, um episódio em que o passado retorna de forma enigmática e perturbadora. Assim, os títulos não apenas nomeiam, mas também articulam leituras possíveis do que está em jogo na narrativa, operando como dispositivos semióticos que adensam o discurso da série.

No campo jornalístico, foi analisada uma reportagem exibida no Fantástico (Rede Globo), veiculada no dia 08/06/2025, que cobriu o caso de envenenamento ocorrido em Itapecerica da Serra (SP). Além disso, foram consideradas reportagens publicadas no portal G1, que complementam o material analisado. A seleção das reportagens considerou sua relevância e visibilidade na cobertura midiática do caso.

A análise e resultados apresentados a seguir buscam entender as estratégias empregadas pela série Yellowjackets e pelas reportagens jornalísticas brasileiras na construção simbólica da figura da “garota perigosa”, observando suas similaridades e diferenças. Procura-se evidenciar como ficção e jornalismo produzem, por meio de diferentes linguagens e formatos, sentidos sobre a juventude feminina em situação de violência, destacando tanto convergências quanto divergências entre esses campos midiáticos.

Inicialmente abordamos a construção da “garota perigosa” em Yellowjackets. Na série ela ocorre por meio de linguagem audiovisual sofisticada, que privilegia a experiência subjetiva das personagens. Aportes como diferentes jogos de câmera, montagem fragmentada e trilha sonora com tom misterioso atuam na criação de uma atmosfera marcada pela ambiguidade moral e inquietação. A fragmentação narrativa contribui para instaurar um debate moral: o espectador é levado a empatizar com as personagens, ao mesmo tempo em que é confrontado com suas ações violentas.

A erotização da violência e a fetichização da juventude feminina ocorrem de forma complexa. Essa tensão entre erotização e violência, que transforma as personagens femininas em figuras simultaneamente desejadas e temidas, ressoa com o que Banet-Weiser (2018) aponta como a ambivalência da cultura midiática contemporânea, que opera entre discursos de empoderamento e espetacularização do feminino.

As jovens são mostradas como corpos alvo de desejo, mas também como sujeitos violentos, rompendo com ideais tradicionais da feminilidade passiva. Cenas como a perseguição da “pit girl” na floresta, os rituais de caça conduzidos pelas adolescentes e os momentos de confronto físico entre as personagens exploram essa tensão entre ação e vitimização. Aquelas adolescentes são, ao mesmo tempo, autoras e vítimas de sua própria violência, a ambivalência e estética visual reforçam a inquietação e instabilidade emocional que permeiam toda a narrativa.

Já no jornalismo brasileiro, a construção da “garota perigosa” realizada na cobertura jornalística do caso de Itapecerica da Serra foi marcada por narrativa enxuta, mas ainda impactante, mobilizando estratégias que reforçam o arquétipo da “garota perigosa”. No Fantástico, a reportagem

utilizou combinação de imagens de Ana Luiza sorrindo em vídeos caseiros com a tensão sonora criada pela trilha sonora, alternando entre momentos de afeto familiar e suspense crescente. Essa montagem reforça a sensação de que a violência vem de um lugar inesperado, o da inocência da jovem mulher.

O uso de áudios feitos pela própria vítima, como sua frase em tom de brincadeira “Se eu morrer envenenada, vocês já sabem”, foi explorado como elemento trágico e fatal; a “auto-declaração” antecipada confere dramaticidade, posicionando Ana como protagonista de sua própria morte. A edição televisiva intensifica esse efeito ao usar close-ups do bolo e do rosto da vítima, alternando entre as vozes dos familiares. Os elementos usados operam de forma a naturalizar um discurso moralizante, que associa intencionalidade e frieza à agressora. Tal abordagem evidencia o que Gill (2007) descreve como uma retórica midiática que, ao mesmo tempo em que expõe a agência feminina, reforça uma visão punitiva e sexualizada das mulheres transgressoras.

Repete-se o uso de termos como “premeditada”, “fria” e “inesperada” ao longo das falas de narradores e entrevistados. O depoimento do pai de Ana Luiza reforça uma interpretação moral do fato, tendo destaque na narrativa. A cobertura investe em uma espécie de ritual midiático do medo, em que a violência é tratada como espetáculo chocante, por meio de imagens e ornamentos sonoros, e discurso moralizante que invisibiliza a complexidade psicológica e social por trás do relato.

O efeito sobre o espectador é ambíguo: por um lado, produzem medo e estigma, fortalecendo o ideal de que meninas violentas são “anômalas” e frias; porém também provocam fascínio e comoção, inserindo o caso no campo do espetáculo e demonstrando como a mídia explora a emoção para gerar engajamento. Esse modelo de cobertura evidencia como o jornalismo pode colaborar com a criminalização midiática da juventude feminina.

Outro aspecto ressaltado na análise diz respeito à ficcionalização do fato e estetização do horror no discurso jornalístico. Particularmente relevante na cobertura do caso Ana Luiza, e outras coberturas de crimes, apropriação de recursos narrativos e estéticos típicos da ficção e do horror é recurso para compor a estrutura do relato. O uso do áudio da vítima funciona como dispositivo de *foreshadowing*, uma antecipação que sugere e/ou anuncia acontecimentos futuros, criando clima de expectativa dramática. Essa técnica, comumente em obras de suspense, é utilizada para intensificar o impacto emocional do fato. Nesse movimento, o jornalismo incorpora linguagem ficcional, transformando um acontecimento factual em uma trama desenhada para provocar comoção no público.

Além disso, o foco excessivo nas imagens de Ana Luiza sorrindo, associadas a uma trilha sonora tensa e a uma edição acelerada, produz uma virada melodramática que desloca a atenção do contexto social e relacional do caso, e reforça o olhar moralizante sobre a jovem agressora. Esse

processo de ficcionalização não apenas estetiza a violência, mas também colabora para a espetacularização do fato, alimentando o fascínio do público e integrando a narrativa ao circuito midiático do espetáculo.

Finalmente quanto à padrões e diferenças entre os dois materiais analisados reconhece-se a incorporação de recursos narrativos tradicionalmente usados na ficção, também observados com o conceito de dramaturgia do telejornalismo (Coutinho, 2012), como se observou na cobertura do caso Ana Luiza, fortalece os paralelos entre os dois campos midiáticos analisados. A ficção de *Yellowjackets* e a reportagem do Fantástico mobilizam a estética da tensão e emoção, transformando a figura da “garota perigosa” em objeto de consumo simbólico. A violência juvenil feminina é vista como uma ruptura com as normas sociais e convertida em espetáculo, seja em formato ficcional ou no discurso factual. A apropriação de recursos ficcionais no discurso factual ilustra como os discursos midiáticos atuais, mesmo em produtos de hard news, participam de uma lógica cultural em que o feminino violento é continuamente espetacularizado, conforme discutem Gill (2007) e Banet-Weiser (2018).

Entre os padrões observados, destaca-se o uso de trilhas sonoras inquietantes, fragmentação narrativa e exploração visual da feminilidade em situações violentas. Na ficção, tais recursos são vistos como uma maneira de tensionar as fronteiras entre culpa e inocência, ser autor e vítima. No jornalismo, esses mesmos elementos servem para reforçar uma lógica moralizante, que apresenta a jovem agressora como figura anômala, desvinculada de qualquer contexto social mais amplo.

Além disso, os modos de mobilização dos recursos audiovisuais divergem substancialmente nos dois campos. Em *Yellowjackets*, a estética sensorial não apenas convoca o público a refletir sobre dilemas éticos-afetivos, mas também tensiona normas de gênero e representações da violência. No jornalismo impera a estética do choque e culpabilização, voltada à produção de julgamentos morais mais diretos, suprimindo nuances e reforçando estigmas. O uso do áudio de Ana Luiza e montagem melodramática evidencia como estratégias ficcionais são incorporadas ao discurso factual de modo que se amplifique o impacto emocional da reportagem.

Essas distinções expõem potências e limitações de cada linguagem. Se a ficção opera como espaço de problematização crítica, o jornalismo, ao recorrer à moralidade mais “tradicional”, tende a cristalizar imaginários de crueldade feminina e alimentar pânico morais. A repetição desse enquadramento age como fortalecedor da criminalização simbólica da juventude feminina, obscurecendo as condições sociais subjacentes e reforçando a lógica espetacularizada da mídia.

5 – Considerações finais

O arquétipo da “garota perigosa” revela-se não somente como construção recorrente, mas como operador simbólico poderoso que atravessa diferentes regimes discursivos. Mais do que personagem ou notícia, torna-se símbolo que estrutura percepções sociais sobre juventude, gênero e

violência. A ficção e o jornalismo, ainda que de formas distintas, convergem na produção de sentidos que associam o feminino à transgressão, excesso e ameaça. A partir da lógica da sociedade do espetáculo (Debord, 1997), imagens de dor, desvio e ameaça são capturadas, estetizadas e oferecidas ao consumo; não como fatos mas como narrativas que alimentam uma economia do fascínio.

Em cenário midiático saturado por performances de gênero (Butler, 1990), a violência cometida por jovens mulheres aciona duplo mecanismo: reitera o controle simbólico sobre o feminino e atiza um voyeurismo cultural em torno da perversidade feminina. Não surpreende, então, que tanto a ficção quanto o jornalismo mobilizem estratégias semelhantes para fixar a erotização da transgressão, moralização da violência e centralização do corpo jovem como espetáculo.

O jornalismo, operando sob a lógica da violência simbólica (Bourdieu, 1996), naturaliza estigmas enquanto impõe enquadramentos morais. No caso da cobertura analisada, a retórica do “crime inimaginável” e da natureza “fria e anômala” da autora reforçam a monstruosidade da figura transgressora, apagando possíveis contextos e complexidades. A cobertura não apenas informa; instrui um olhar de vigilância e punição.

Em contraste, *Yellowjackets* tensiona tais limites. O jogo narrativo fragmentado, sensorial e ambíguo convida o espectador a habitar zonas cinzentas, onde vítima e algoz se confundem, onde sobrevivência e ética se chocam. A série não oferece uma moral pronta; desafia seu público. Aqui ressoam os apontamentos de Banet-Weiser (2018) e Gill (2007): a mídia contemporânea flutua entre empoderamento e espetacularização, produzindo sujeitos sob condições que os tornam consumíveis.

Há, portanto, disputa simbólica entre a reafirmação de arquétipos punitivos e a possibilidade de relatos que desestabilizam o olhar normativo. Nesse embate, o papel da audiência torna-se central. Cultivar olhar crítico, atento aos dispositivos de espetáculo e a construção simbólica emerge frente à estetização da violência e reprodução de estigmas.

Diante disso, este artigo aponta para a necessidade da adoção de práticas midiáticas mais conscientes e críticas, que não se limitem à reprodução de arquétipos simplificadores. No jornalismo, isso implica revisar enquadramentos, evitar juízos moralizantes e considerar efeitos simbólicos das narrativas produzidas. Na ficção, cabe tensionar os limites entre representação e fetichização, promovendo narrativas que abracem a complexidade da experiência humana, especialmente quando atravessada por gênero e juventude.

A figura da “garota perigosa” permanece como um dispositivo cultural altamente funcional na construção midiática de discursos sobre gênero e violência. Ao analisar os materiais ficcionais e jornalísticos, evidencia-se que a espetacularização não opera como mero efeito estético, mas como um mecanismo estruturante, capaz de consolidar estereótipos e regular o imaginário social sobre a feminilidade jovem e transgressora.

Ainda que Yellowjackets introduza fissuras na narrativa tradicional — oferecendo zonas de ambiguidade e instabilidade moral — o jornalismo factual, em sua maioria, mantém uma adesão quase automática a lógicas punitivas e moralizantes. O campo jornalístico, regido por dinâmicas de audiência e por uma busca constante por impacto, tende a reduzir a complexidade da experiência humana a arquétipos facilmente digeríveis: a jovem criminosa, a ameaça oculta, o corpo feminino como espetáculo.

Em um ecossistema midiático saturado por imagens e discursos que alimentam pânicos morais e reforçam regimes de controle simbólico, a urgência de práticas éticas e críticas não pode ser subestimada. É imperativo que produtores de conteúdo — sejam jornalistas, roteiristas ou comunicadores — reconheçam as implicações políticas e sociais de suas narrativas. As escolhas estéticas e discursivas não são neutras; moldam olhares, afetam subjetividades, operam no cerne das disputas por poder simbólico.

Do mesmo modo, há um chamado para o desenvolvimento de pedagogias de recepção crítica, que capacitem audiências a decifrar os dispositivos do espetáculo, questionar enquadramentos normativos e resistir à fetichização da violência. A mídia, afinal, não apenas reporta ou representa: ela produz realidades, fabrica sentidos e naturaliza valores.

Em tempos de superexposição e circulação acelerada de discursos sobre gênero e violência, repensar as práticas de mediação torna-se um gesto não apenas acadêmico, mas político. Abrir brechas para representações mais complexas, plurais e éticas é um passo fundamental na construção de um imaginário social menos opressivo — e, quem sabe, de um campo midiático um pouco mais consciente do poder que exerce.

Referências

- BANET-WEISER, Sarah. **Empowered: Popular Feminism and Popular Misogyny**. Durham: Duke University Press, 2018.
- BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.
- BUTLER, Judith. **Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity**. New York: Routledge, 1990.
- DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- GILL, Rosalind. **Gender and the Media**. Cambridge: Polity Press, 2007.
- JESUS, Rosilene Soares de; FARIAS, Rita de Cássia Pereira. **Espetacularização da violência em um telejornal e construções conservadoras de gênero**. *Cadernos de Gênero e Tecnologia*, Curitiba, v. 15, n. 45, p. 82–97, jan./jul. 2022.
- COUTINHO, Iluska. **Dramaturgia do telejornalismo**. Rio de Janeiro: Mauad-x, 2012.
- COUTINHO, Iluska. **Compreender a estrutura e experimentar o audiovisual – Da dramaturgia do telejornalismo à análise da materialidade**. In: ÉMERIM, Carlida; COUTINHO, Iluska & FINGER, Cristiane (Orgs). *Epistemologias do Telejornalismo Brasileiro*. Florianópolis Insular, 2018.
- G1. **‘Se eu morrer envenenada, já sabem’: jovem que morreu após comer bolo estava no 3º ano do Ensino Médio e tinha acabado de celebrar aniversário**. Fantástico, 9 jun. 2025. Disponível em: <https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2025/06/09/se-eu-morrer-envenenada-ja-sabem-jovem-que-morreu-apos-comer-bolo-estava-no-3o-ano-do-ensino-medio-e-tinha-acabado-de-celebrar-aniversario.ghtml>. Acesso em: 20 de junho 2025.
- YELLOWJACKETS. Criado por Ashley Lyle e Bart Nickerson. Estados Unidos: Showtime, 2021–. Série de televisão. Disponível em: <https://www.netflix.com/title/81437281>. Acesso em: 20 de junho 2025